

Indonésia leva mercado financeiro a temer um novo terremoto nos países asiáticos

Economia - Brasil Bolsas abrem negócios sob tensão

Fernando Henrique teria discutido com Pedro Malan os desdobramentos da crise

Geraldo Magela

RIO - O mercado financeiro brasileiro abre nesta segunda-feira em clima de nervosismo, na expectativa do que estará acontecendo do outro lado do planeta, mais especificamente na Indonésia e nos países vizinhos. O receio é o de que, assim como aconteceu em julho e depois em outubro, a crise forte na Ásia possa acabar atingindo também outras economias, inclusive a brasileira. Quando os operadores do Rio de Janeiro e de São Paulo chegarem ao trabalho já terão disponível o comportamento dos principais pregões asiáticos. Se a queda for muito forte, há chances de que Wall Street e outros importantes mercados do mundo também operem em queda amanhã.

Informações não confirmadas dão conta de que a crise asiática foi o tema de uma reunião na noite de sexta-feira, no Palácio da Alvorada, entre o presidente Fernando Henrique Cardoso, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, os secretários do Ministério da Fazenda José Roberto Mendonça de Barros (Política Econômica) e Pedro Parente (Executivo). A sexta-feira foi um dia particularmente difícil desta nova rodada da crise asiática por conta de seus efeitos sobre a bolsa de valores americana, e o Banco Central chegou a provocar uma pequena elevação na taxas de juros de 38% para 39% ao ano.

Segundo o consultor da empresa Tendências, Roberto Padovani, se o mercado continuar elevando os juros, é sinal de que o nervosismo será mais duradouro. Teoricamente, o mercado pode puxar as taxas até 43% ao ano, que é o teto fixado pelo Banco Central. Acima deste valor, o BC pode intervir no mercado repassando dinheiro para as instituições a juros mais baixos. Padovani, porém, espera que na próxima reunião do Comitê de Política Monetária, o BC reduza os juros para 35% ao ano porque não há motivos para altas. "Isto se não ocorrer nada mais grave no

Japão", ressalva Padovani. Segundo ele, se isto acontecer, a tendência é de manutenção das atuais taxas, mais aperto fiscal e arrocho no consumo. A expectativa atual do mercado é como será resolvido o pagamento da dívida de curto prazo da Indonésia.

Tensão "Todo este clima gera muita tensão. A Indonésia está à beira do caos, mas há sinais positivos no meio da crise. Os países ricos estão agindo rapidamente, como pode ser sentido pela chegada da delegação do Fundo Monetário Internacional neste fim de semana. É preciso lembrar também que por conta do furacão financeiro recente ninguém está mais tão alavancado nos mercados asiáticos", avalia o economista Luis Roberto Cunha, professor da Pontifícia Universitária Católica e consultor de vários bancos e empresas.

Ele lembra que o impacto para o Brasil não chega a ser direto. "O problema é por conta da economia americana. A bolsa em Wall Street caiu bastante na semana passada. Isto é um sinalizador importante para nós. Mas não vejo impacto direto. O Brasil, e países da América Latina, estão em situação política muito mais avançada do que a Indonésia, por exemplo".

O presidente Suharto, da Indonésia, é general, está no poder há 32 anos e sua família é dona de diversas empresas e bancos", diz Luís Roberto Cunha. Esta também é a opinião do consultor financeiro Ruy Schneider, que nos últimos anos acostumou-se a ver asiáticos conquistarem a preferência dos investidores americanos, na frente de outros mercados emergentes, como o Brasil. "Podemos tirar alguns bons proveitos desta crise. Os americanos ficaram assustados com os problemas na Ásia. E poderão descobrir as qualidades do Brasil como potencial de negócios e pela semelhança muito maior com a cultura americana do que os orientais", avalia Schneider.



Parente e Malan voltaram a discutir, na última sexta-feira, o impacto da crise asiática no mercado brasileiro